

Excesso de leite no futuro

PAULO DO CARMO MARTINS

O ano começa com um cenário muito promissor. Os preços recebidos pelos produtores estão estáveis neste pico de safra, o mercado internacional está aquecido e a inflação interna é baixa. Portanto, o ambiente é favorável ao leite. É aí que mora o perigo!

Começemos pelo lado favorável. O preço recebido pelo produtor está estável desde maio de 2006, não caiu nesse pico de safra e nada indica que irá cair nos próximos meses. Por outro lado, a inflação é mantida em níveis baixos. O custo de vida das famílias subiu cerca de somente 3,1% ao longo de 2006, o que significa dizer que o poder de compra do consumidor tem se mantido.

E nada sinaliza a volta da inflação. Isso é de extrema importância para a cadeia do leite. Some-se a isso o fato de o leite em pó estar sendo comercializado a US\$ 3 mil, quando esteve entre US\$ 2,1 mil e US\$ 2,3 a tonelada até setembro de 2006. Há ainda o fato de os projetos de novas plantas, anunciados no início de 2006, estarem de vento em popa. Portanto, o ambiente não é dos piores.

De 1991 até 2005, a produção brasileira cresceu 60%, mas a população aumentou 23,5% e o poder aquisitivo de cada brasileiro se elevou em 19,5%, ou 1/3 do crescimento do consumo. Isso fez com que se abrisse um fosso entre o crescimento da produção e do consumo *per capita*. As diferentes taxas de crescimento fizeram com que, gradativamente, a produção *per capita* e o consumo *per capita* fossem se aproximando, até que empataram, a partir de 2004. Portanto, a organização da cadeia produtiva do leite nos anos 90 levou a uma substituição de importações e a uma auto-suficiência nacional. Mas, a partir de agora, o cenário é de excedente de leite, ou

Os preços estão estáveis, o mercado internacional está aquecido e a inflação interna é baixa. É aí que mora o perigo!

seja, a produção deverá superar o consumo.

O IBGE informa que em 1985 o Brasil tinha uma população de 133 milhões e o crescimento populacional era de 2,1% ao ano. Em 2.005, já éramos 184 milhões, mas a taxa de crescimento da população havia caído para 1,4% ao ano. Para 2025, o IBGE prevê que seremos 229 milhões, mas a população estará crescendo a 0,8% ao ano.

Portanto, daqui a 20 anos a população brasileira estará crescendo a uma taxa três vezes menor que o crescimento de 20 anos atrás. A consequência é que a população está ficando velha. Em 1985, 49,7% da população brasileira tinham até 19 anos de idade. Isso mesmo! A cada dois brasileiros, um era adolescente. Em 2025, o percentual dessa faixa etária cairá para 30,4%. Já o percentual de brasileiros com idade acima de 60 anos, que era de 6,1% em 1985, subirá para 15,1%.

A média de idade da população, em 40 anos, sairá de 19 anos para 33 anos. Esse envelhecimento deverá impactar negativamente o consumo *per capita* de leite. Primeiro, porque o jovem tem maior propensão ao consumo do que qualquer outra faixa etária. Segundo, porque, em nossa cultura, leite é para

o consumo de pessoas da primeira idade. No imaginário coletivo, é muito mais um produto ligado à visão clássica de saúde e nutrição que a um produto saboroso e de prazer.

Nesse cenário, é importante destacar que a política econômica brasileira deverá manter a inflação em patamares baixos. Para tal, há mais de uma década, pratica juros elevados e busca obter superávit nas contas do Governo. Estes procedimentos inibem investimentos públicos e privados. Em função disso, o percentual do investimento brasileiro total em relação ao PIB não ultrapassa os 20%, enquanto na China está próximo de 50%.

Esse quadro não deverá ter substancial modificação.

Se tivesse, ainda teríamos o grave problema de restrição ou falta de capacidade ociosa em infra-estrutura, representada por carência de energia elétrica e infra-estrutura de logística, além da elevada carga de tributos. Tudo isso é inibidor do crescimento. Portanto, como supor que o País crescerá a taxas acima de 3%, de modo contínuo? E, se não crescer, como supor que haverá grande elevação no consumo *per capita* de leite?

Concluindo, vale destacar que, ao contrário do que se diz, o brasileiro não gosta de leite. Ou gosta menos que de outros bens e serviços. Dois pesquisadores da Embrapa Gado de Leite resolveram trabalhar com os dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares do IBGE. Concluíram que uma família com renda mensal até R\$ 1.200, caso tenha uma elevação de 100% na sua renda, aumentaria seus gastos com leite e derivados em 54%. Para a faixa de renda familiar entre R\$ 1.200 e R\$ 3.000, o comprometimento adicional com a renda duplicada seria de 48,5%. Acima de R\$ 3.000, 37,9%.

Portanto, se o brasileiro efetivamente gostasse tanto de leite como se imagina, com uma renda se elevando em 100%, era de se esperar que elevasse em pelo menos 100% o seu consumo de lácteos. Os resultados demonstram, contudo, que o acréscimo aos gastos com aquisição de leite é menos que proporcional ao aumento da renda. E não se pode nem alegar que isso ocorre em função da saturação de consumo de leite, pois o brasileiro consome, em média, a metade do consumo médio *per capita* verificado nos países desenvolvidos.

Considerando que a produção cresce mais que o consumo; que a quantidade produzida é igual à quantidade consumida; que a população está crescendo a taxas menores e está envelhecendo, que a renda *per capita* não deverá crescer substancialmente nos próximos anos e que o brasileiro não gosta tanto de leite, somente é possível imaginar que o futuro nos reserva um grande excedente interno de leite. Numa estimativa conservadora, encontrei excedente de 5,6 bilhões de litros para 2025. ■



Paulo do Carmo Martins é economista e chefe da Embrapa Gado de Leite, Juiz de Fora-MG.

 CCL

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
MARCOS FAVA NEVES
e o potencial do Brasil para
produzir leite, bioenergia e alimentos

**Leite ou cana?
Muito melhor,
se explorados
juntos!**

PRODUTIVIDADE

Mais de 20 mil litros/ha/ano é a proposta de sistemas que utilizam pasto irrigado com suplementação de cana na seca. Dois sítios paulistas provam dos ganhos gerados pela alta produtividade em receita e manejo

**Como fazer
vacas rentáveis
por mais tempo**

**Milheto é opção
de forragem e
cobertura de solo**

**Mourões com
pneus: viável e
ecológico**